

boletim

EMPREGO

em pauta



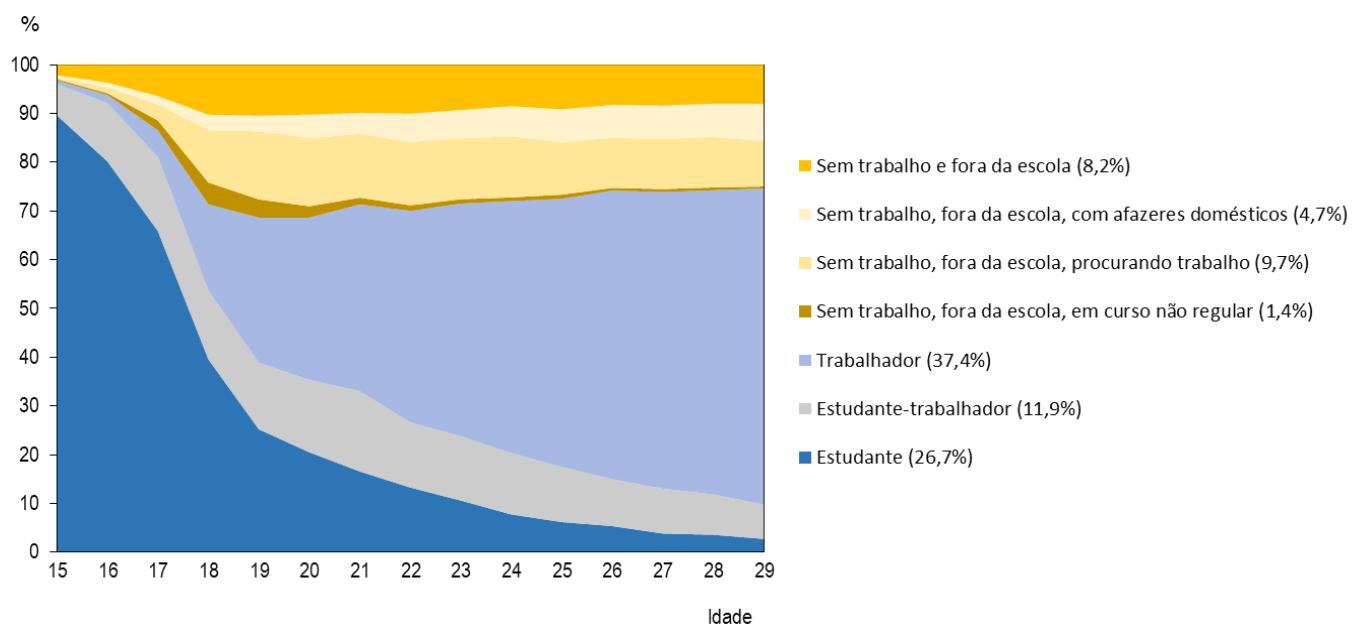
Número 11 - Dezembro 2018

Nem-nem ou sem-sem? Jovens querem trabalhar, mas não têm oportunidades no mercado

No 3º trimestre de 2018, dos 47,4 milhões de jovens de 15 a 29 anos, estima-se que mais de 11 milhões (24%) estavam sem trabalho e fora da escola, os chamados nem-nem (Gráfico 1). Mas por que eles estavam nessa situação? Faz sentido chamá-los de nem-nem?

De estudante a trabalhador

Como os jovens de 15 a 29 anos estão distribuídos entre as diferentes formas de atividade em cada período da vida?



Fonte: IBGE. Pnad Contínua 3º trimestre de 2018. Elaboração: DIEESE

Os jovens não estão parados

A maior parte dos chamados nem-nem não está na ociosidade. Na verdade, está procurando trabalho, lidando com afazeres domésticos (casa, filhos ou parentes) ou realizando cursos não regulares. **Apenas 8% dos jovens não estavam envolvidos nessas atividades** (Gráfico 1).

A ideia de que os jovens estão nessa situação por falta de vontade de trabalhar ou de estudar não se aplica na maior parte dos casos¹. Há evidências de que, em geral, esta é uma condição transitória. Algumas estatísticas sobre o 3º trimestre de 2018 mostram essa realidade:

- Apenas 5% dos jovens disseram que realmente não queriam trabalhar.
- 41% dos jovens sem trabalho e fora da escola tinham procurado ativamente trabalho no mês em que foram entrevistados pelo IBGE.
- 31% das mulheres disseram que não podiam trabalhar porque tinham que cuidar de afazeres domésticos – ou seja, na verdade, elas estavam trabalhando, sem ser consideradas na força de trabalho.
- 6% dos jovens sem trabalho e fora da escola faziam algum tipo de curso ou estudavam por conta própria.

É preciso considerar que boa parte desse grupo populacional sem trabalho e fora da escola está em um período de transição entre essas duas etapas, de estudo e de trabalho - momento em que se deparam, ao entrar no mercado de trabalho, com elevada instabilidade.

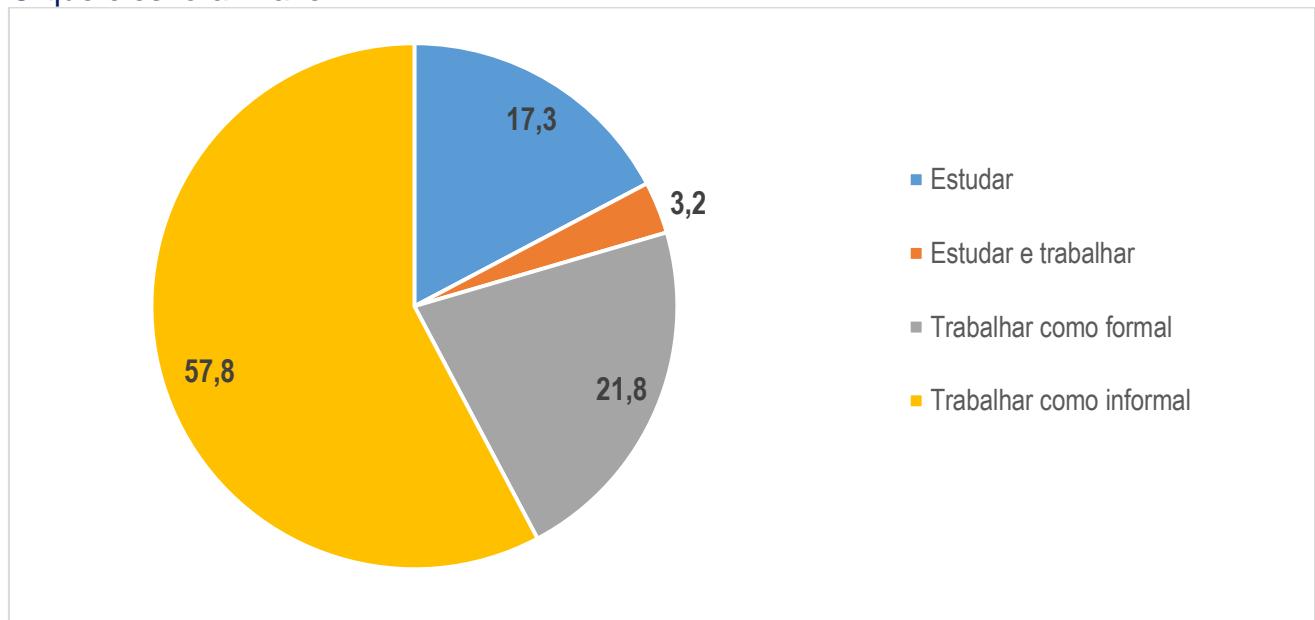
Cerca de um quarto (24%) dos jovens considerados nem-nem no segundo trimestre de 2018 não estavam mais nessa situação no trimestre seguinte, a maioria porque começou a trabalhar (Gráfico 2). Se levado em conta um período maior, a porcentagem de jovens que fica sem trabalho e fora da escola por quatro trimestres seguidos² cai pela metade: de 24% vai para 12% (5,7 milhões)³.

¹ Estudo recente lançado pelo BID, “Millennials na América Latina e no Caribe: trabalhar ou estudar” também confirma isso. Os dados sobre o Brasil são mostrados a partir da p. 104.
Disponível em: <https://www.iadb.org/es/millennials/home>.

² Foram pesquisados os mesmos jovens no período de um ano, entre o 4º trimestre de 2017 e o 3º trimestre de 2018. A comparação é feita com os 11,4 milhões (24%) de jovens sem trabalho e fora da escola no 3º trimestre de 2018.

³ Esse número provavelmente é ainda menor, já que pesquisas domiciliares, como a Pnad, do IBGE, superestimam o número de pessoas não ocupadas, além de considerar apenas a procura de trabalho no mês em que a pesquisa é realizada e não em todos os 12 meses do ano.

Um quarto dos jovens sem trabalho e fora da escola no 2º trimestre de 2018 mudou de situação no trimestre seguinte
O que eles foram fazer?



Fonte: IBGE. Pnad Contínua - 2º e 3º trimestres de 2018. Obs.: Foram considerados os jovens entre 15 e 29 anos

Oportunidades desiguais na saída do ensino médio

Todo ano, aproximadamente 2 milhões de jovens concluem o ensino médio. Para muitos, essa etapa marca a entrada definitiva no mercado de trabalho – uns como trabalhadores, outros em busca de trabalho. Alguns continuam os estudos no nível superior ou se preparam para prestar o vestibular. Dos jovens que estavam no 3º ano do ensino médio em 2017, cerca de um terço (36%) não trabalhava ou estudava no ensino regular no início de 2018.

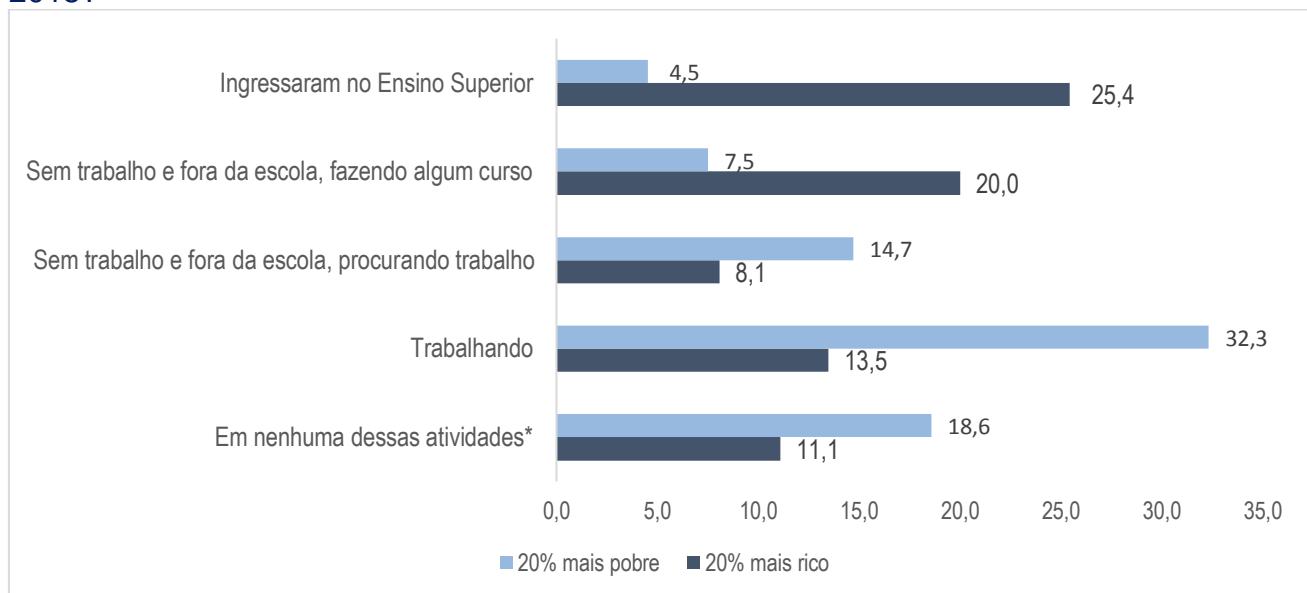
As perspectivas de trabalho e estudo dos jovens têm estreita relação com a origem socioeconômica deles.

Considerando os jovens que terminaram o ensino médio em 2017 e que ficaram sem trabalho e fora da escola no começo de 2018, nos lares mais ricos, a maior parte realizava algum tipo de curso (preparatório, pré-vestibular etc.). Já entre aqueles de domicílios mais pobres, era mais comum encontrar quem estivesse procurando trabalho.

Os jovens em domicílios com melhores condições socioeconômicas têm mais chances de continuar estudando após o ensino médio. Enquanto 25% dos egressos do ensino médio em 2017 e de lares mais ricos foram para o ensino superior em 2018, apenas 5% dos jovens de domicílios mais pobres seguiram esse caminho. Mesmo entre os que não trabalhavam ou estudavam naquele momento, no grupo de jovens mais ricos, 20% estavam empenhados em algum outro tipo de curso. Nos pertencentes aos lares mais pobres, apenas 8% estavam nessa situação.

Diferentes origens, diferentes perspectivas

O que os jovens que estavam saindo do Ensino Médio em 2017 estavam fazendo em 2018?



Fonte: IBGE. Pnad Contínua – situação no 3º trimestre de 2018. Elaboração: DIEESE

Nota: * Não inclui quem estava na escola em modalidades diferentes do ensino superior e nem aqueles que realizavam afazeres domésticos

Obs.: Os indicadores não somam 100% porque as mesmas pessoas podem estar envolvidas em mais uma atividade e também porque não foram considerados os estudantes que não estavam no ensino superior

Os jovens que terminavam o ensino médio e pertenciam às famílias de renda menor estavam mais empenhados na busca de emprego do que aqueles de famílias com maiores rendimentos. Praticamente metade dos que estavam no 3º ano do ensino médio em 2017 participava do mercado de trabalho no primeiro trimestre de 2018. No entanto, enquanto 32% estavam trabalhando, 15% estavam sem trabalho, fora da escola, mas *procurando ativamente algum trabalho*. Já entre os jovens de lares mais ricos, os percentuais eram inferiores: 13% e 8%, respectivamente.

Os jovens de lares mais pobres têm menos oportunidades de continuar os estudos. Com isso, são impelidos a entrar no mercado de trabalho. Mas eles também enfrentam problemas nessa empreitada, já que se deparam com dificuldades para conseguir e manter um trabalho. Essas diferenças explicam, pelo menos em parte, a razão pela qual havia mais jovens sem trabalhar e fora da escola, entre os que estavam terminando o ensino médio. Ou seja, as origens socioeconômicas dos jovens determinam as chances de matrícula no ensino superior e de conquista de trabalho.

Nem-nem ou sem-sem?

O problema não são os jovens. Chamá-los de nem-nem traz a falsa sensação de que são eles os responsáveis por uma situação de inatividade que nem mesmo é real, já que a maioria não

está parada: está procurando trabalho, dedicando-se a algum tipo de curso não regular ou cuidando dos afazeres domésticos.

Ficar sem trabalho e fora da escola é, em geral, uma situação transitória ou eventual e acontece porque os jovens estão mais propensos a aceitar postos de trabalho precários, sem estabilidade e com alta rotatividade da mão de obra. Eles nem trabalham nem estudam porque, muitas vezes, não há vagas de trabalho disponíveis nem oportunidades para a continuação no sistema educacional - em especial no ensino superior, ainda inacessível para boa parte da população. Muitos enfrentam a falta de recursos financeiros para estudar e até mesmo para procurar trabalho.

As oportunidades de estudo e trabalho não são as mesmas para jovens de origens diferentes. **Aqueles de lares mais pobres chegam ao fim do ensino médio com um leque mais estreito de oportunidades** e enfrentam dificuldades na transição escola-trabalho.

Aumentar a oferta de cursos profissionalizantes não é uma medida suficiente, já que o mercado não é capaz de absorver toda mão de obra qualificada⁴. Tampouco funcionam soluções como as propostas pela Reforma Trabalhista, que criou modalidades de trabalho com menos direitos e menor estabilidade – como o contrato intermitente e a jornada parcial. Em vez de resolver o problema, esse tipo de contrato cria vagas de curta duração, o que pode jogar os jovens continuamente de volta para a condição de desemprego.

A situação da juventude reflete, portanto, a falta de oportunidades e a desigualdade. A solução, muito mais do que uma responsabilidade individual, está na retomada do crescimento da atividade econômica e na valorização de políticas públicas de emprego que promovam trabalhos formais e estáveis; e de educação, visando ao acesso e à permanência dos jovens na escola, levando em consideração a realidade dessa população.

DIEESE DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE
ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS

Rua Aurora, 957 – 1º andar
CEP 05001-900 São Paulo, SP
Telefone (11) 3874-5366 / fax (11) 3874-5394
www.dieese.org.br

Presidente: Bernardino Jesus de Brito - Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São Paulo - SP

Vice-presidente: Raquel Kacelnikas - Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos Bancários de São Paulo Osasco e Região – SP

Secretário Nacional: Nelsi Rodrigues da Silva - Sindicato dos Metalúrgicos do ABC - SP

Equipe responsável: Gustavo Monteiro, César Andaku, Camila Ikuta, Angela Tepassê, Leandro Horie

⁴ Ver Nota Técnica nº199 do DIEESE, disponível em:
<https://www.dieese.org.br/notatecnica/2018/notaTec199qualificacaoProfissional.html>